

**O MOVIMENTO DE IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO DO SLOYD COMO UMA
PEDAGOGIA PARA O ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL**

THE SLOYD IMPORT-EXPORT MOVEMENT AS A PEDAGOGY FOR VOCATIONAL
EDUCATION IN BRAZIL

EL MOVIMIENTO SLOYD IMPORT-EXPORT COMO PEDAGOGÍA DE LA
FORMACIÓN PROFESIONAL EN BRASIL

Rafael Duarte Falcão¹ 0000-0003-0284-7865

Olivia Morais de Medeiros Neta¹ 0000-0002-4217-2914

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal, Rio Grande do Norte, Brasil;
javier1936.rf@gmail.com, olivia.neta@ufrn.br

RESUMO:

Este artigo aborda a difusão do sloyd como uma abordagem pedagógica no ensino profissional no Brasil, destacando sua importância na formação docente e na educação técnica. Sendo assim, seu objetivo geral é analisar os mecanismos de difusão do sloyd como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil, destacando sua relevância na formação docente e na prática educativa. O sloyd, que envolve trabalhos manuais, é defendido por Omer Buyse e Victor de Britto como essencial para o desenvolvimento integral dos alunos. Quanto ao caminho da análise, fizemos uso da “Teoria da História” (Rüsen, 2015) a partir da qual analisamos fontes como: “O Slöjd” (Gonzaga, 1916), “A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais” (Fonseca, 1929) e jornais catalogados na Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Os resultados indicam que a construção do movimento de importação-exportação do *sloyd* como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil foi feita por meio das viagens pedagógicas e da circulação do Aprígio Gonzaga pelas escolas profissionais e primárias argentinas, pelo constante diálogo com a concepção estadunidense de *sloyd* e pela leitura da obra do Omer Buyse, na edição original francesa. Sendo assim, houve a construção do *sloyd* como uma pedagogia para o ensino profissional e sua difusão.

Palavras-chave: sloyd; educação profissional; metodologia de ensino.

ABSTRACT:

This article looks at the dissemination of sloyd as a pedagogical approach in vocational education in Brazil, highlighting its importance in teacher training and technical education. As such, its general objective is to analyse the mechanisms of the diffusion of sloyd as a pedagogy for vocational education in Brazil, highlighting its relevance to teacher training and educational practice. Sloyd, which involves manual labour, is defended by Omer Buyse and Victor de Britto as essential for the integral development of students. As for the path of analysis, we used the ‘Theory of History’ (Rüsen, 2015) from which we analysed sources such as: ‘O Slöjd’ (Gonzaga, 1916), ‘A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais’ (Fonseca, 1929) and newspapers catalogued in the National Library’s Digital Collection of Newspapers and Magazines. The results indicate that the construction of the sloyd import-export movement as a pedagogy for vocational education in Brazil took place through the pedagogical trips and circulation of Aprígio Gonzaga through Argentine vocational and primary schools, through constant dialogue with the American conception of sloyd and through reading Omer Buyse’s work in the original

French edition. In this way, sloyd was constructed as a pedagogy for vocational education and its dissemination.

Keywords: sloyd; vocational education; teaching methodology.

RESUMEN:

Este artículo examina la difusión del sloyd como enfoque pedagógico en la formación profesional en Brasil, destacando su importancia en la formación de profesores y en la educación técnica. Como tal, su objetivo general es analizar los mecanismos de difusión del sloyd como pedagogía para la formación profesional en Brasil, destacando su relevancia para la formación de profesores y la práctica educativa. El sloyd, que implica el trabajo manual, es defendido por Omer Buyse y Victor de Britto como esencial para el desarrollo integral de los alumnos. En cuanto a la vía de análisis, utilizamos la «Teoría de la Historia» (Rüsen, 2015) a partir de la cual analizamos fuentes como: «O Slöjd» (Gonzaga, 1916), «A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais» (Fonseca, 1929) y periódicos catalogados en la Colección Digital de Periódicos y Revistas de la Biblioteca Nacional. Los resultados indican que la construcción del movimiento de importación-exportación de sloyd como pedagogía para la educación profesional en Brasil tuvo lugar a través de los viajes pedagógicos y la circulación de Aprígio Gonzaga por las escuelas de formación profesional y primaria argentinas, a través del diálogo constante con la concepción americana de sloyd y a través de la lectura de la obra de Omer Buyse en la edición original en francés. De esta manera, el sloyd se construyó como una pedagogía para la educación vocacional y su difusión.

Palabras clave: sloyd; educación profesional; metodología de enseñanza.

Introdução

O tema deste artigo é sloyd como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil. As principais menções ao sloyd circuladas pela imprensa foram registradas a partir da década de 1910¹. Trata-se do jornal “A Federação: Orgam do Partido Republicano (RS)”, dirigido à época por Gonçalves de Almeida, circulado, conforme a Hemeroteca Digital Brasileira², de 1884 a 1937. Em 27 de julho de 1911, Victor de Britto, oftalmologista, redator d’A Federação, escreve sobre o problema da instrução pública a partir do Instituto Julio de Castilhos³. Britto (1911) expõe, em linhas gerais, os fundamentos do sistema pedagógico, do sistema técnico, do sistema froebeliano e do sistema conhecido como método social ou de Dewey.

A imprensa e os impressos educacionais foram mecanismos de difusão de modelos teórico-metodológicos sobre o sloyd, ora mais teórico, ora mais metodológico, porém imbuídos de práxis educativa e pedagógica.

¹ No dia 28 de setembro de 1904, o “Jornal do Commercio” do Rio de Janeiro fazia menção à Escola de Ensino Manual na Suécia.

² A Hemeroteca Digital Brasileira é um portal de periódicos nacionais que permite ampla consulta, pela internet, a jornais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas.

³ O Instituto Júlio de Castilhos foi fundado em 1900 pela Escola de Engenharia com o objetivo de oferecer um curso elementar direcionado aos exames para ingresso no curso superior. O prédio foi destruído por um incêndio em 1951. Neste Local, posteriormente, foi construído o atual prédio da Faculdade de Ciências Econômicas.

Em linhas gerais, o sloyd pode ser representado como um sistema pedagógico que reúne os trabalhos manuais da mesma forma que qualquer outro componente curricular.⁴ Assim como tais componentes, o sloyd é um instrumento de cultura geral e integral que exercita a atenção, a percepção e o raciocínio. A consequência disto é o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades. Os fundamentos deste sistema pedagógico, representado pelo sloyd, estão na obra de Froebel: “a educação, pela acção, e tem sua origem na obra escolar de Coegnus, da Finlândia” (Buyse, 1927, p. 101). O sloyd foi elevado à altura de um sistema pela escola de Nääs, na Suécia. De lá foi difundido por intelectuais, “transformando-se segundo as latitudes, os costumes e a mentalidade das raças” (Buyse, 1927, p. 102).

Gustaf Larson, sueco, foi aluno de Otto Salomon na Escola Normal de Nääs. Em Boston, em uma região de imigrantes pobres, na rua North Bennet Street, havia a North Bennet Street Industrial School, uma escola elementar, a qual dirigiu. Dessa forma, introduziu e difundiu os princípios do sloyd pedagógico sueco, posteriormente, sloyd social americano, porque, grosso modo, adaptou-o ao meio. O objetivo geral da North Bennett Street Industrial School é preparar profissionalmente os alunos para o mercado de trabalho. Assim, poderiam praticar a autossuficiência e independência. A missão filantrópica dos fundadores desta instituição, o casal Quincy Adams Shaw (1825-1908) e Pauline Agassiz Shaw (1841-1917), foi regenerar os indigentes pelo trabalho manual. Esta perspectiva foi praticada até a direção de Larson (Marques, 2003, 2011; Santos, 2012).

Os fundamentos universais da concepção do sloyd são: (1) os professores do sloyd deveriam ser homens do ensino, e não artesãos; (2) o ensino deveria ser sistematicamente progressivo, e executado por intermédio de certas demonstrações em classe, tanto quanto possível, individual; (3) o trabalho deveria ser escolhido para possibilitar o desenvolvimento físico através de movimentos livres e vigorosos; (4) os resultados deveriam representar o esforço pessoal do aluno, sem introduzir, de início, nenhuma divisão de trabalho, assim como nenhum emprego de máquinas-ferramentas; (5) os exercícios deveriam ser organizados na progressão do fácil ao difícil, escolhendo-se os objetos atraentes e úteis aos alunos; (6) os trabalhos não deveriam se limitar somente à execução de objetos construídos com a ajuda de instrumentos de medida; devendo ser feitos à mão livre, para exercitar particularmente o senso de formas e proporções, pela vista e pelo toque; (7) atribuía-se uma importância especial ao azeio, à precisão e ao acabamento, com a finalidade de inspirar o amor ao belo trabalho, e desenvolver o espírito de apreciação independente (Larson, 1908 *apud* Marques, 2011).

⁴ Resultados de pesquisa ampliados sobre a temática ver Falcão (20224).

É preciso reconhecer que o fenômeno da circulação de ideias constitui a pedagogia. Mas, para que se faça com responsabilidade, precisamos estabelecer os limites das importações de noções, definições e conceitos. Os pedagogos viajantes educam e educam-se por uma mediação que parece ser de ordem cultural: “há um embate de concepções que não cessam de resistir, seja de Bloom (1969) e Mager (1969) à Hameline (1979), passando pela acusação do behaviorismo presente na pedagogia por objetivos, de obediência estadunidense, à ode ao humanismo francês e pela disputa que aqueceu o debate pedagógico dos anos 1970-1980 sobre a noção americana de trabalho independente e a noção francesa de trabalho autônomo.” (Falcão, 2024, p. 11).

No Brasil, o início do século XX é marcado também pelo debate das ideias liberais que defendiam a extensão universal, por meio do Estado, do processo de escolarização, considerado o grande vetor da participação política. No campo das ideias pedagógicas no Brasil, as primeiras décadas do século XX viveram a perda hegemônica da vertente religiosa da pedagogia tradicional, desembocando nas ideias pedagógicas republicanas positivistas e laicistas.

No estado de São Paulo, apenas com a eleição do seu presidente, Albuquerque Lins, incentivador do ensino profissional, foi que, por intermédio da Lei n. 1.214, de 24 de outubro de 1910, se abriu, no sistema oficial de ensino, a possibilidade da criação de escolas de ensino profissional: a Escola Profissional feminina e masculina na capital, criada em 28 de setembro de 1911 e instalada em 17 de novembro do mesmo ano; posteriormente, a Lei n. 1.245, de 30 de dezembro de 1911, possibilitou a criação de duas Escolas de Artes e Ofícios nas cidades de Amparo e Jacaré.

Segundo Falcão (2024), foi neste contexto que o normalista, Aprígio de Almeida Gonzaga (1882-1954), destacou-se pela divulgação do que ficou conhecido como o sloyd paulista, por meio da publicação de um manual metodológico voltado aos professores, a saber: “O Slöjd” (Gonzaga, 1916). O normalista foi indicado a diretor daquela Escola Profissional Masculina na capital por Carlos Guimarães, Secretário do Interior, justamente no período em que foram instaladas aquelas escolas de artes e ofícios do estado.

Dito isto, nesta pesquisa, pretendemos responder à seguinte questão: como ocorreu a construção do movimento do sloyd como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil? Assim sendo, o objetivo deste artigo é analisar a construção do movimento de importação-exportação do sloyd como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil por meio da circulação de sujeitos e ideias.

A busca por uma compreensão mais abrangente foi conduzida por meio do software *Publish or Perish*, um programa especializado na recuperação e análise de citações acadêmicas. Este software utiliza bases de dados on-line para extrair citações como resultado bruto, as quais

são posteriormente analisadas e submetidas a cálculos de diversas métricas. No processo de pesquisa, empregamos os descritores "sloyd or slöjd" e "trabalho manual" para refinar a busca e direcionar nossos esforços na identificação de trabalhos relevantes. Como resultado dessa abordagem, identificamos trabalhos significativos, incluindo a tese de Assunção (2016) e dissertações de Pereira (2007), Santos (2012) e Tizzot Filho (2013).

Assunção (2016), em sua tese intitulada “Aprígio de Almeida Gonzaga: um seletor normalista fazendo história no ensino profissional (1911-1934)” objetivou examinar a atuação do intelectual Aprígio Gonzaga, reconstruir sua trajetória de formação e trajetória profissional, identificando seus grupos de pertencimento e sua rede de relações sociais, intelectuais e políticas, examinar os ambientes e as situações em que se deu a sua formação, identificar as ideias que defendeu, caracterizando seus traços distintos ou similares aos outros projetos então em circulação em São Paulo e no Brasil e verificar o alcance de sua intervenção, como intelectual, tanto no debate educacional de sua época, como na configuração das instituições de que fez parte.

O objetivo da pesquisa do Pereira (2007), “O fazer e o aprender: uma interação singular na produção de mobiliário artístico da Escola de Artes e Ofícios (1911-1950)”, foi o de compreender o processo de ensino aprendizagem na Escola de Artes e Ofícios de Amparo, no período compreendido entre a sua implantação, em 1911, até a década de 1950, período em que a instituição se apresentou como principal expoente a produção de bens culturais, em especial o mobiliário artístico.

O objetivo da pesquisa da Santos (2012), “Os trabalhos manuais no Anuário do Ensino de São Paulo e na Revista de ensino da Associação Beneficente do Professorado Paulista (1902-1920)”, foi compreender os fundamentos históricos e filosóficos das propostas referentes ao ensino primário, nos impressos: Revista de Ensino Beneficente do Professorado Público do Estado de São Paulo e o Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, no período de 1902 até 1920, buscando entender o discurso e as práticas sobre essas proposições pedagógicas, as contradições enfrentadas, rupturas e permanências até seu declínio.

Já o objetivo da pesquisa do Tizzot Filho (2013), “A Argentina como referência de instrução pública: visões da elite normalista de São Paulo (1890-1920)”, é explorar as ideias sobre instrução pública à elite da geração dos educadores normalistas de São Paulo, utilizando-se como fonte de pesquisa dos escritos que produziram, tendo a organização do sistema escolar argentino como referência importante e próxima. O período escolhido à pesquisa iniciou-se em 1890, ano da reforma republicana da Escola Normal, prosseguindo até 1920, quando Oscar Thompson retirou-se da instrução pública paulistana.

**O MOVIMENTO DE IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO DO SLOYD COMO UMA PEDAGOGIA
PARA O ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL**

Rafael Duarte Falcão • Olívia Morais de Medeiros Neta

Quanto ao caminho da análise, fizemos uso do método de interpretação histórica do Jörn Rüsen, a partir do qual analisamos fontes como: “O Slöjd”, livro escrito por Aprígio Gonzaga em 1916, “A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais”, livro escrito por Corinto da Fonseca, edição de 1929, além de impressos como jornais e revistas pedagógicas com vistas a contribuir para o alargamento dos estudos da história da educação sobre a temática em tela.

As operações metódicas da pesquisa histórica esquematizadas por Rüsen (2015) são compostas por três métodos centrais, a saber: (1) a heurística, com três etapas; (2) a crítica e a (3) interpretação. Para cada método, há algumas operações, regulações e critérios.

Quanto ao procedimento de pesquisa, no endereço eletrônico da Biblioteca Nacional Digital Brasileira, fizemos uma busca por períodos, proporcionando uma ampla possibilidade de jornais e revistas ao corpus documental. A pesquisa foi feita em todas as unidades federativas brasileiras (localidade), buscando sempre as ocorrências do nosso objeto, o sloyd, nos gêneros textuais que há nas revistas e nos jornais catalogados. Em termos numéricos, apresentaremos nesta dissertação 25 menções do termo “sloyd” difundidas na imprensa brasileira em conformidade com os limites estabelecidos pela questão norteadora e objetivos desta investigação. Ver Quadro 1.

Quadro 1 – Distribuição das ocorrências por ano e Estados

Estados	Anos das ocorrências	Número de ocorrências
Rio de Janeiro	1904, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1920, 1921, 2022	20
Santa Catarina	1914	1
Rio Grande do Sul	1911, 1912	3
Paraná	1921	1

Fonte: Elaboração dos autores a partir das pesquisas na Hemeroteca Digital Brasileira

A fim de ajudar-nos a “interpretar historicamente” os dados que fomos coletando em fontes documentais por meio das operações metódicas da pesquisa histórica propostas pelo Rüsen (2015), produzimos uma análise sobre o sloyd na educação profissional operando com o conceito de importação-exportação, discutido por Jean Houssaye (2007); em linhas gerais, compreendemos que a importação-exportação de pedagogias é um movimento feito por pedagogos/educadores com o objetivo de propiciar diálogos sobre ideias e modelos pedagógicos e apropriar-se destas maneiras de desenvolver sistemas pedagógicos. Este movimento será esmiuçadamente descrito no decorrer desta dissertação.

Dado o exposto, este artigo está organizado em seções que interpreta a construção do movimento de importação-exportação e suas condições, discutindo a construção de uma pedagogia para a educação profissional, e, considerações finais.

Sloyd, pedagogia para o ensino profissional no Brasil: movimentos

Jean Houssaye, ao concluir o seu percurso “caótico” (2007) sobre a importação-exportação de pedagogias em capítulo publicado no livro “Viagens Pedagógicas” (2007), apresentou 14 proposições que organizou em torno de três polos: (1) a construção do movimento de importação-exportação e suas condições; (2) a construção de uma pedagogia e; (3) a difusão de uma pedagogia.

Para tal finalidade, estudamos o que as redes de intelectuais, a circulação e a apropriação do sloyd no ensino profissional brasileiro. A fim de atingirmos o objetivo desta seção, articulamos os seguintes conceitos para construir uma proposta analítica: intelectuais e estruturas de sociabilidade ou redes (Sirinelli, 2003), redes (Fuchs, 2007), circulação e apropriação de ideias a partir da discussão sobre importação-exportação no que se refere às pedagogias (Houssaye, 2007). Compreendemos que tais “gymnasticas mentaes” (Gonzaga, 1916) são capazes de dialogar assertivamente com a defesa da primeira proposição do primeiro polo já exposto.

O motivo que nos fez defender, especificamente, essas ginásticas mentais foi o fato de identificarmos quais canais circularam concepções sobre o sloyd e quais foram os responsáveis por esta circulação, a saber: jornais e revistas nacionais, disponíveis on-line, scaneadamente (Brasil; Nascimento, 2020), na Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional, com artigos que elaboram um discurso sobre o sloyd e os intelectuais que o elucidaram: de Axel Mikkelsen à Aprígio Gonzaga, passando por Omer Buyse e Corinto da Fonseca.

Antes de começarmos a analisar o movimento de importação, circulação e apropriação do sloyd através da construção do movimento de importação-exportação e suas condições, cujo sloyd é um exemplo de pedagogia que foi construída e difundida por redes de sociabilidade formadas por intelectuais, é mister que expliquemos as noções de intelectual, estruturas de sociabilidade, redes, circulação e apropriação de ideias e importação-exportação de pedagogias que defendemos como espinha dorsal das nossas análises.

Em primeiro lugar, o historiador francês Jean-François Sirinelli, especialista em história política e cultural do século XX, em um livro organizado por René Rémond (1918-2007), “Por uma história política” (2003), escreveu um capítulo chamado “Os intelectuais”, no qual propõe

uma definição de “geometria variável, mas baseada em invariantes” (Sirinelli, 2003, p. 242). Isto é, duas acepções da noção de intelectual: termo extremamente polimorfo e polifônico.

Uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário ou o erudito. [...] Uma segunda definição, mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo, a assinatura de manifestos – testemunha ou consciência. Uma tal acepção não é, no fundo, autônoma da anterior, já que são dois elementos de natureza sociocultural, sua notoriedade eventual ou sua ‘especialização’, reconhecida pela sociedade em que vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende. Exatamente por esta razão, o debate entre as duas definições é, em grande medida, um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo (Sirinelli, 2003, p. 242).

As estruturas elementares da sociabilidade são “mais difíceis de perceber do que parece” (Sirinelli, 2003, p. 248). Sirinelli (2003) afirma que os grupos formados por intelectuais se organizam em tais estruturas de sociabilidade ou redes por causa de seu impulso primário: o desejo de conviver e aglutinar forças. Em conformidade com este historiador:

As estruturas de sociabilidade variam, naturalmente, com as épocas e os subgrupos intelectuais estudados. [...] Mas, em todo o caso, é possível e necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo, de idade ou de estudos, que constituem, muitas vezes, a base de “redes” de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político (Sirinelli, 2003, p. 249).

O ofício do historiador, portanto, é escarafunchar as redes de relações desses atores. É condição necessária investigar, não apenas a semelhança da coisa que se pretende alcançar ou fazer, o propósito, com grupos que pertencem ao mesmo gênero (congêneres), mas investigar as suas particularidades, construídas a partir de traços peculiares de comportamento, temperamento ou sensibilidade (idiosincrasia).

Sendo assim, o trabalho intelectual e a tradição são elementos consonantes. O intelectual, ao debruçar-se sobre a herança que os pensadores anteriores lhes legaram, define-se enquanto tal, sendo-o legatário ou filho pródigo. O patrimônio dos criadores e mediadores culturais e atores engajados é imprescindível à sua formação, seja para ratificar a tradição ou romper com ela: “quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura

e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência explícita ou implícita” (Sirinelli, 2003, p. 255).

O produto desse diálogo é chamado de fenômeno de geração no meio intelectual, o qual “reveste-se, em determinados casos, das virtudes explicativas, pois esses efeitos e fenômenos não são inertes: são às vezes engrenagens determinantes do funcionamento desse meio” (Sirinelli, 2003, p. 255). Há, no que constitui esse meio, a noção de sociabilidade, um duplo sentido que a envolve.

Os intelectuais, ao mesmo tempo em que desfrutam de um espaço privilegiado de aprendizagem, de colaboração, convivem em um espaço que incita os afetos. Trata-se do lugar onde habita o peso da afetividade, no qual há, em sua constituição, um sentido próprio:

A atração e a amizade e, ao contrário, a hostilidade e a rivalidade, a ruptura, a briga e o rancor desempenham igualmente um papel às vezes decisivo. Isto, alguns poderão objetar, se aplica a toda microssociedade. Mas, de um lado, esse peso da afetividade adquire uma significação específica, num meio teoricamente colocado sob o signo da clarividência, e cuja garantia, aos olhos do resto da sociedade, é saber jogar suas paixões, a serviço exclusivo da Razão. De outro lado, a imbricação das tensões devidas aos debates de ideias e desses fatores afetivos desemboca talvez, em alguns casos, numa patologia do intelectual. Com toda certeza, uma tal abordagem é delicada, pois uma tal constatação pôde ser desviada e, de clínica, tornar-se polêmica, alimentando sobretudo uma certa visão anti-intelectualista. Podemos por isso abandoná-la totalmente? (Sirinelli, 2003, p. 250).

O que une a rede de intelectuais que, em potência e em ato, contribuíram para o desenvolvimento do sloyd na educação profissional, de Axel Mikkelsen à Aprígio Gonzaga, passando por Omer Buyse e Corinto da Fonseca, é o objetivo de organizar a estrutura educacional em conformidade com as concepções de modernidade que defendiam. Essas concepções, discutidas em rede, são formadas por uma cadeia de referências que envolvem itinerários formativos, redes de sociabilidade e aspectos geracionais.

Estes intelectuais elaboraram um pensamento educacional progressista em rede. Nestas redes há elos que os conectam não necessariamente de modo direto e pessoal, todavia por meio de seus escritos pedagógico-educacionais. É desta maneira que podemos propiciar a conexão entre as ideias de Mikkelsen e as ideias de Gonzaga. Esta conexão, provavelmente, foi estabelecida pelo trabalho do Otto Salomon.

O conceito de redes formulado pelo historiador alemão Eckhardt Fuchs, especialista em processos de globalização no setor educacional, com referência particular a organizações internacionais, governança global, política educacional na Europa, história das relações educacionais transnacionais, história global da revisão de livros didáticos e história dos materiais de ensino e aprendizagem.

Fuchs discorre em seu ensaio “Redes e a História da Educação” (2007), publicado na “Paedagogica Historica”, sobre teoria de rede, análise de rede histórica e sua relação com a História da Educação enquanto campo epistemológico. De acordo com este pesquisador:

[...] as redes descrevem as relações entre entidades sociais em interação e seus padrões e as implicações dessas relações. Em geral, pode-se afirmar que as redes são elos comunicativos e principalmente horizontais entre agentes interdependentes - atores individuais, corporativos ou coletivos - que são relativamente iguais, confiam uns nos outros e compartilham interesses ou valores semelhantes. Essas ligações ou laços diretos ou indiretos entre atores (ou nós) - tais como interação comportamental, relações de parentesco, troca de produtos, fluxo de informações, transferência, migração e comunicação - são os meios pelos quais ocorre a transferência de recursos materiais ou não materiais. No entanto, os laços são frequentemente recíprocos assimetricamente e variam em relação à densidade, intensidade, duração, etc. Eles podem ser fortes, principalmente dentro de um grupo (por exemplo, amigos), ou fracos, principalmente entre diferentes grupos de atores (por exemplo, conhecidos). Eles fornecem capital social de quatro maneiras: solidariedade particular específica de grupo; confiança na autoridade dos valores; acesso à informação; e autonomia estrutural (Fuchs, 2007, p. 187).

Em conformidade com Assis e Medeiros Neta (2022, p. 217): “Do ponto de vista metodológico, a abordagem à luz da teoria das redes permite usufruir de um conjunto de dispositivos analíticos solidamente estruturados e testados”. As autoras afirmam que a network analysis dispõe de várias possibilidades heurísticas e de grande flexibilidade temática. A nossa pretensão com as redes fuchsianas é oferecer respostas às seguintes perguntas: o que define uma rede educacional? Os meios de importação, circulação e apropriação de ideias já constituem redes?

Os intelectuais atuam em rede, nacional e internacionalmente, em um movimento de circulação de ideias, que se materializa através de exposições, congressos, associações com instituições transnacionais e entre cooperações (Assis, Medeiros Neta, 2022). No caso do movimento de importação, circulação e apropriação que se historiciza neste texto, esta relação se materializa por intermédio de redes alicerçadas em materiais como livros, revistas e jornais, formando um grande elo de circulação do conhecimento técnico-acadêmico-científico do pensamento humano. Essa cooperação entre as concepções de educação e formação, oriundo de diferentes rincões, mas compartilhando interesses comuns, favorecia a construção de redes (Assis, Medeiros Neta, 2022).

Os elos horizontais e comunicativos entre agentes interdependentes que confiam uns nos outros e compartilham interesses semelhantes formados pelos intelectuais são construídos, na perspectiva deste estudo, dentro dos movimentos entre os pedagogos e as pedagogias. É

necessário lembrar que, na maioria das vezes, as ramificações destes movimentos são oriundas de uma mesma cepa-mãe (Houssaye, 2007).

Compreendemos que o movimento de importação-exportação de pedagogias, que não deixa de afetar a própria pedagogia, discutido por Jean Houssaye (2007), é um movimento feito por pedagogos/educadores com o objetivo de propiciar diálogos sobre ideias e modelos pedagógicos e apropriar-se destas maneiras de desenvolver sistemas pedagógicos. Jean Houssaye deixa claro que não dispõe de uma teoria da importação-exportação de pedagogias. Mas, a partir da localização de algumas questões, procurou um quadro de referências a fim de analisar os anais de um colóquio genebrense dedicado à Educação Nova, publicado por Hameline, Helmchen e Oelkers em 1995. Sobre isto, ele considera que “o objeto deste colóquio não foi o movimento de importação-exportação que sustenta a pedagogia, mas podemos procurar na fala dos diferentes atores deste colóquio o que se dizia sobre o assunto” (Houssaye, 2007, p. 305).

Ao voltarmos ao objetivo deste artigo, lê-se que o Houssaye (2007) expõe proposições que podem nos ajudar a desenvolver uma teoria sobre o fenômeno no qual o nosso objeto está contido. Ele se questiona sobre o que restou de todo desvio de rota causado pelas suas próprias reflexões: “talvez um certo número de proposições que podemos organizar em torno de três pólos” (Houssaye, 2007, p. 310).

A importação-exportação de pedagogias pode contemplar a construção do movimento de importação-exportação e suas condições; a construção de uma pedagogia e a difusão de uma pedagogia. O primeiro pólo remete-se à construção do movimento de importação-exportação e suas condições. No contexto brasileiro, as condições para tal construção foram dadas ao Aprígio Gonzaga, um intelectual normalista que fez história no ensino profissional (Assunção, 2016), após a sua indicação por Carlos Guimarães, Secretário do Interior, para exercer o cargo de diretor da Escola Profissional Masculina da capital paulista, instalada em 17 de novembro de 1911 em um tradicional bairro chamado Brás. A nossa perspectiva é a seguinte: o fato de o Gonzaga ascender a esta função colaborou com a construção do movimento de importação-exportação e suas condições, visto que o fez conhecer o método que será importado da Argentina para o Brasil. Esta posição lhe foi concedida por razão de sua rede de sociabilidade, composta por membros influentes como o próprio Carlos Guimarães.

Assunção (2016) afirma que, em São Paulo, a mudança em relação à forma de se pensar a oferta do ensino profissional é corporificada com a eleição de Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, um defensor do ensino profissional, para a Presidência do Estado (1908-1912). O nome de Albuquerque Lins aparece em 1903 como Conselheiro Administrativo do

Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo juntamente com Manuel Siqueira Campos, Presidente; F. P. Ramos de Azevedo, Vice-Presidente; Dr. Reynaldo Porchat, 1º Secretário; Dr. Victor da Silva Freire, 2º Secretário; Cel. Augusto Cesar do Nascimento, 1º Tesoureiro; Cel. Luiz Gonzaga de Azevedo, 2º Tesoureiro.

Já por ocasião da leitura de sua plataforma de governo para a Presidência do Estado de São Paulo, feita no banquete que lhe fora oferecido pelo Partido Republicano Paulista, em 25 de janeiro de 1908, Manoel Albuquerque Lins deixou transparecer seu interesse pelo ensino profissional, dizendo: “mais a caráter nos fica o ensino profissional, com as nossas escolas normais, escolas agrícolas, de comércio, de artes e ofícios” (Egas, 1908, p. 267 *apud* Assunção, 2017, p. 3269). Sendo assim, eis aqui a nossa premissa: esta rede de sociabilidade, formada por membros da elite dirigente de São Paulo, possibilitou ao Gonzaga ocupar o cargo de diretor da Escola Profissional Masculina paulista.

Em conformidade com Houssaye (2007, p. 310): “a pedagogia só pode ser concebida no âmbito internacional e os pedagogos sempre foram grandes viajantes que funcionaram em rede”. Posto isso, o que poderíamos chamar de a viagem pedagógica à Argentina de Aprígio Gonzaga é um indício ou sinal de que “cada vez mais, os países entram no movimento de difusão das ondas pedagógicas, segundo temporalidades que diferem entre si, porém com percursos bastante idênticos” (Houssaye, 2007, p. 311).

O fato deste professor normalista partir à Argentina em busca de um plano de ensino a fim de preparar o operariado paulista ilustra a sua tentativa de construir uma pedagogia capaz de atender às demandas de um espaço que, entre 1907 e 1919, a indústria paulista supera a fluminense, período no qual houve um salto quantitativo, “crescendo mais que o dobro da indústria do resto do país” (Sousa, 2007, p. 2). Nesse sentido, Houssaye (2007, p. 311) propõe que “quanto mais uma pedagogia é fruto de uma implantação, mais ela necessita, para poder ser aceita e propagada, inserir-se em evidências próprias da sua nova implantação”.

Gonzaga sugeriu um plano de organização escolar com os objetivos específicos de qualificar e nacionalizar os filhos de migrantes e imigrantes para fábricas e canteiros de obras, a partir das experiências da viagem pedagógica à Argentina, onde visitou três instituições de ensino profissional, a saber: (1) Escola Industrial da Nação; (2) Sociedade de Educação Industrial e; (3) Escola Profissional dos Salesianos. Essas escolas não foram fonte de inspiração para Gonzaga. Em São Paulo, capital, acabara de ser inaugurada a primeira Escola Profissional Masculina, enquanto na Argentina apenas havia uma escola politécnica ao mesmo tempo que artística, a Escola La Nacion, caracterizando o meio-termo do fracasso, completamente sem a organização de uma escola profissional propriamente dita.

No entanto, foi ao conhecer o sistema de ensino primário argentino que o Aprígio Gonzaga entrou em contato com a presença de trabalhos manuais no currículo das escolas primárias. Fato que lhe chamou bastante atenção. Assim, ele obteve ideias que o inspiraram a elaborar o plano de organização escolar da então Escola Profissional Masculina. Tal escola representou o início da implementação de novas perspectivas metodológicas e a possibilidade da sociedade brasileira, que repugnava o trabalho manual, sempre associado aos negros escravizados e aos braços estrangeiros no geral, recontextualizar o fato de os trabalhos manuais pertencerem ao ethos do Brasil (Assunção, 2016).

Por tal, podemos concluir que a viagem pedagógica à Argentina, além da ida aos Estados Unidos da América (EUA), a leitura, no original, da obra do Omer Buyse e a experiência como diretor da Escola Profissional Ana Rosa, de Santos, auxiliou o Gonzaga a escrever “O Slöjd”, manual para professores publicado em 1916, com o fim de elaborar um sistema de ensino profissional para os operários, tendo como ideia basilar a formação pelo sloyd, ainda que estivesse mais preocupado com a formação moral. O mérito deste intelectual foi ter elaborado mais que um sistema de ensino capaz de proporcionar uma formação integral aos alunos, como a observada no ensino primário argentino; elaborou um sistema de ensino integral que abrangeu toda formação humana idealizada nas primeiras décadas do século XX brasileiro: do ensino primário ao ensino profissional. “Os trabalhos manuais do Slojd teriam início no ensino primário e se estenderiam pelas aulas de marcenaria da Escola Profissional Masculina” (Assunção, 2017, p. 3275).

Quanto a difusão de uma pedagogia, Houssaye (2007) explica-nos que esse movimento depende de transmissores-difusores que a popularizem e, ao mesmo tempo, a despersonalizem; mas o fato de não estar no coração do movimento da Escola Nova ou, especificamente, do seu paralelo chamado Escola Ativa, pode assegurar um sucesso adiado, baseado numa especificidade que se beneficia da totalidade do movimento. Mais tardiamente no Brasil do que na Argentina, foi que as soluções encontradas por Otto Salomon (1849-1907) ao problema da didatização do ensino de ofícios foram difundidas por todo território nacional.

Para Falcão (2024), o professor e educador sueco Otto Salomon, criador e diretor da célebre instituição de ensino de trabalhos manuais, conhecida como Escola Normal de Naäs, na Suécia, onde tantos estrangeiros, inclusive brasileiros, estudaram, desenvolveu uma solução para o problema do ensino de ofícios, nele introduzindo uma técnica didática para os trabalhos manuais. Segundo o Jornal do Commercio (RJ) - 1900 a 1909 - em um artigo intitulado “Escola de ensino manual na Suécia”, de 28 de setembro de 1904, o sloyd é quase inseparável de todo o sistema escolar, sem constituir-se como curso obrigatório; este instituto é a Meca para os

**O MOVIMENTO DE IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO DO SLOYD COMO UMA PEDAGOGIA
PARA O ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL**

Rafael Duarte Falcão • Olívia Morais de Medeiros Neta

estudantes de ensino manual de todo o planeta; todos os países da Europa têm mandado estudantes para Naães; a América do Sul, a Ásia e a África têm respectivamente contribuído com a sua parte; os Estados Unidos da América, o Japão e a Índia têm mandado muitos (Jornal do Commercio, 1904).

De acordo com Corinto da Fonseca:

Com efeito, tomando a madeira como matéria prima preferida, o seu curso de trabalhos manuais, organizou uma série de exercícios progressivos não só em relação às operações técnicas, como em relação ao emprego progressivo das ferramentas, cada um deles indo, porém, rematar-se no acabamento de um objeto útil, de aplicação corrente (Fonseca, 1929, p. 95).

O professor Corinto da Fonseca nasceu em 1882 no Rio de Janeiro, onde, aos 17 anos, estreou uma série de crônicas na ‘Cidade do Rio’, recebidas com muitos aplausos, nas palavras de Lourenço Filho, em prefácio ao livro ‘A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais’, escrito por Fonseca e publicado em 1929. Fonseca iniciou sua atividade no magistério em 1906, no Colégio Pedro II, onde regeu turmas de português. Ocupou depois o cargo de professor da Escola 15 de novembro, e o de diretor da Escola Profissional Sousa Aguiar, em que realizou a proveitosa ação, ainda fora da lei Álvaro Batista, de desespecializar o ensino por ofícios, para reuni-los em grupos afins pela identidade de matérias primas. Para alcançar esse desiderato, estudou-os sob ponto de vista didático, conseguindo reduzi-los a séries graduadas de forma e operações tipo, esforço de que resultaram, em 1913, os quadros de ensino de Tornearia em Madeira, Envernização e Empalhação, e vários folhetos visando a didatização do aprendizado. Verificando a necessidade de um ensino para o preparo das ferramentas e da matéria prima, criou em 1913, o ensino de Tecnologia, consagrada ainda recentemente na reforma Fernando de Azevedo. E prosseguindo em seus trabalhos, chegou à fórmula mais avançada de ensino profissional, partindo do princípio de que o Estado não deve, na fase de educação elementar, formar cidadãos para determinadas classes sociais, mas, ao contrário, propiciar-lhes formação fundamental capaz de garantir a mais ampla liberdade de iniciativa econômica. É a tese oposta à da especialização restrita, compreendida por muitos como a essência do ensino profissional (Lourenço Filho, 1929, p. 8).

Em conformidade com Lourenço Filho (1929), se o Corinto da Fonseca teve um mestre, além da experiência, esse foi o educador belga Omer Buyse, através da obra “Methodos Americanos de Educação Geral e Technica”, publicada originalmente em 1908. Em consequência disso, tal é a tese implícita do professor Corinto da Fonseca, neste livro, “A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais”: o homem pensa porque tem mãos, é preciso empregá-las para o exercício do pensamento, é preciso empregá-las para fins de criação, adaptação, realização do que se deseja e em sua medida (Lourenço Filho, 1929).

Cerca de um ano após a instalação da Escola Profissional Masculina, inaugurada em 1911 na cidade de São Paulo, instituição à qual Aprígio Gonzaga exercerá o cargo de diretor, o professor Corinto da Fonseca é chamado, em 1912, a dirigir a Escola Profissional Sousa Aguiar, no Rio de Janeiro, na qual realizou a proveitosa ação acima referida. A produção historiográfica da Educação ou mesmo da Educação Profissional ainda não foi capaz de desvendar a data da

viagem, nem mesmo por quanto tempo Aprígio Gonzaga permaneceu na Argentina. Provavelmente enquanto o Aprígio Gonzaga lá esteve, Corinto da Fonseca, sem se filiar a sistema pedagógico algum, tantos já em disputa pela simpatia do professorado, na América e na Europa, sem copiar fórmulas ou princípios, nem mesmo pretender criar doutrinas, estabeleceu as bases de um verdadeiro plano de escola ativa, cerca de vinte anos antes da publicação deste livro de 1929, contando apenas com o que experimentou.

De acordo com Lourenço Filho (1929, p. 8): “Noutro país, talvez, fôrça é confessar, sua obra teria sido amparada e amplamente difundida, pois que foi, na verdade, a precursora da escola por que todos os renovadores se batem”. Com esta citação, não queremos indicar que o Fonseca esteve em outra nação, mas se enfatiza o fato de o Lourenço Filho afirmar categoricamente o sucesso da publicação do livro “A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais” (1929). É salutar retomarmos ao ponto que ficou em segundo plano: o da “técnica didática dos trabalhos manuais”, já presente no capítulo IV do livro em questão. Fonseca faz menção ao sloyd sem mesmo citar a obra do Aprígio Gonzaga, publicada treze anos antes, em 1916. Trata-se de um manual pedagógico nomeado “O Slöjd” (1916), dividido em duas séries: a primeira série composta por trabalhos manuais em papel, couro, palha, corda etc. destinada a todas “as classes de 1º ano e 2º do curso preliminar”; e a segunda série composta por trabalhos manuais em madeira “às classes de 3º ano em diante” com meninos maiores de dez anos (Gonzaga, 1916, p. 12).

Em conformidade com Assunção (2016, p. 108): “Assim, o Slojd Paulista em madeira é uma adaptação do que Aprígio Gonzaga encontrou de melhor nos sistemas de Slojd social americano e no pedagógico sueco”. Aprígio Gonzaga estava convicto de que avançou com os objetivos propostos à realidade brasileira; ele modificou, assim, “o <slöjd> em madeira de acordo com as nossas qualidades e a nossa índole”, por pensar “ser elle o reformador, a base da nossa prosperidade, o unico arrimo forte para a elevação phisica e moral da nossa raça” (Gonzaga, 1916, p. 10).

O professor Corinto da Fonseca faz um reparo no debate sobre a relação entre escola e trabalho manual no seu capítulo sobre a “técnica didática” que Lourenço Filho considera bastante ilustrativo à compreensão assertiva da confusão teórico-conceitual do que seria a expressão arbeitsschule, precisamente, escola de trabalho, de Georg Kerschensteiner. De acordo com Lourenço Filho (1929, p. 6):

Claro está que a escola ativa não é tão somente a escola do trabalho manual. Kerchensteiner mesmo, no primoroso livro, que é a <Concepção da escola do

**O MOVIMENTO DE IMPORTAÇÃO-EXPORTAÇÃO DO SLOYD COMO UMA PEDAGOGIA
PARA O ENSINO PROFISSIONAL NO BRASIL**

Rafael Duarte Falcão • Olivia Morais de Medeiros Neta

trabalho>, salienta o prejuízo dessa confusão, e esclarece que a <Arbeitsschule> deve ser a escola <em que se aprenda pela experiência do trabalho>.

O reparo que o Professor faz em seu livro trata de outra confusão de caráter semântico; uma convocação oficial de uma inspetoria escolar para tratar do seguinte assunto: “trabalhos de costura, modelagem, trabalhos manuais propriamente ditos, sloyd a faca, etc.” (Fonseca, 1929, p. 39). Corinto da Fonseca afirma que, pelo que já foi exposto e demonstrado em sua obra, é evidente a ausência de orientação revelada em tal enunciado. Ele nos faz cotejar as seguintes expressões, “modelagem, trabalhos manuais propriamente ditos, sloyd a faca”, para percebermos que tais conceitos representam a mais completa ignorância sobre os trabalhos manuais. Encaminhando, assim, o nosso sistema de ensino, a resultados negativos surpreendentes.

Não foi possível encontrar tal convocação oficial. No entanto, as nossas fontes hemerográficas demonstram-nos que há definições inadequadas quanto aos termos mencionados por Fonseca (1929). Para sanar muitas das dúvidas, houve diversos cursos sobre o sloyd, propriamente dito, ministrados pelo professor e diretor da Escola Visconde de Cayrú, Theophilo Moreira da Costa, sócio do Centro dos Professores, ambos do Rio de Janeiro, cujo presidente foi o professor Antonio de Souza Cabral. Há várias menções sobre as atividades do professor Theophilo Moreira da Costa em matérias de jornais como o “Correio da Manhã (RJ) - 1910 a 1919”, o “Jornal do Brasil (RJ) - 1920 a 1929” e “O Paiz” (RJ) - 1920 a 1929. Neste capítulo, há uma nota feita pelo próprio Fonseca, que faz com que devamos averiguar se o Aprígio Gonzaga tomou conhecimento das sete conferências feitas pelo Corinto da Fonseca na Escola Riachuelo, em 1914, nos cursos sistemáticos de teoria e prática dos trabalhos manuais. Eis aqui a nota do autor:

A faca do sloyd foi aqui no Rio introduzida por mim, em 1914, quando realizei uma série de sete conferências, em curso sistemático de teoria e prática dos trabalhos manuais, na Escola Riachuelo. Revelei-a e o seu uso, aos meus ouvintes, conseguindo interessar de tal modo o ilustre pedagogo Dr. Fábio da Luz, então inspetor escolar do 9º Distrito e presidente da Liga de Professores desse distrito, que êle logo solicitou a minha intermediação junto da casa Hammacher Schlemmer, de Nova York, para a aquisição de algumas coleções de ferramentas para o sloyd a faca. Desta interferência eu guardo a mais grata recordação numa quarta via da conta que foi tirada em meu nome (Fonseca, 1929, p. 39).

Esta nota revela que, possivelmente, durante a viagem pedagógica à Argentina feita pelo Aprígio Gonzaga; ou, se não durante, mas, decerto, antes da publicação d’O Slöjd (1916), o Corinto da Fonseca já estivera divulgando e introduzindo elementos que constituem o sloyd enquanto método para o trabalho; às vezes tratado pelos intelectuais de sistema pedagógico. As

nossas fontes não nos permitem afirmar que houve realmente uma rede direta. Porém, há uma hipótese, ou melhor, um indício de que o João Lüderitz esteve com o Fonseca na Escola Profissional Masculina, instituição na qual o Gonzaga exerceu o cargo de diretor (Marques, 2003, 2011).

De acordo com as pesquisas de Falcão (2024), não sabemos ao certo sobre os regimes explicativos para tais concepções. Elas aparecem até quando voltamos a nossa atenção ao Otto Salomon e à Escola Normal de Naäs no momento o qual tomamos ciência do pioneirismo e da introdução do sloyd enquanto um método para o ensino de trabalhos manuais. No entanto, até que se prove o contrário, o chamado sistema sloyd foi elaborado pelo dinaruaquês Axel Mikkelsen. Este sistema pressupõe a união entre as ciências e as artes, nos termos em que foi entendida na época. Entendeu-se o trabalho enquanto atividade educativa e deu extrema importância ao estudo do desenho geométrico. Esta matéria orientou todo esse sistema pedagógico.

É salutar fazermos uma relação entre o movimento de circulação e produção de modelos pedagógicos feito por educadores viajantes como Axel Mikkelsen, Otto Salomon, Omer Buyse, Corinto da Fonseca e Aprígio Gonzaga com o que Jean Houssaye sistematizou. Houssaye, sobre a construção do movimento de importação-exportação e suas condições, constrói proposições que parecem explicar ou justificar este movimento caracterizado pelas diferentes concepções de uma técnica, de um método para um tipo de trabalho manual que frequentemente é concebido não como uma técnica de trabalho manual em um material específico mas como o próprio trabalho manual em si. Eis aqui as proposições acima mencionadas:

Um movimento de importação-exportação em pedagogia obtém sucesso e funciona melhor quando consegue apagar, pelo menos em parte, suas próprias filiações, suas próprias origens.

Para aparecer como nova e implantar-se, uma onda pedagógica apaga toda uma parte dos movimentos aos quais poderia declarar-se filiada, mente sobre suas origens e suas oposições, amplifica o seu aspecto inovador, tudo isso para não aparecer como herdeira.

Existe, sim, uma internacional da pedagogia; os empréstimos que tornam as linhagens possíveis são recomposições que arrumam e filtram um fundo comum educativo, o qual se apresenta como óbvio mas é, no entanto, ele próprio, objeto de rupturas frequentemente retrospectivas (Houssaye, 2007, p. 310).

O movimento de importação do sloyd protagonizado pelo Aprígio Gonzaga, ao menos na historiografia catalogada para esta pesquisa, serve-nos de exemplo do que se apresenta como um fenômeno, certamente, irreversível; trata-se do movimento global de importação-exportação, caracterizado pela globalização ou internacionalização, um processo transnacional de educação (Fuchs, 2007). Segundo Houssaye (2007, p. 311), “ele se constrói na base de

correntes dominantes (europeias de início, e depois norte-americanas) que dão origem a transmissores e que tendem a esgotar a riqueza assim como a diversidade das trocas.

Este conjunto de proposições serve-nos de trama, provisória e restrita, à compreensão do que se conhece por movimentos entre os pedagogos e as pedagogias, um objeto da História das Ideias Pedagógicas. Podemos considerar tais proposições como faróis que orientam o nosso processo de compreensão da importação do *sloyd* à formação da classe operária brasileira.

Considerações finais

Conclui-se que a construção do movimento de importação-exportação do *sloyd* como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil foi feita por meio das viagens pedagógicas e da circulação do Aprígio Gonzaga pelas escolas profissionais e primárias argentinas, pelo constante diálogo com a concepção estadunidense de *sloyd* e pela leitura da obra do Omer Buyse, na edição original francesa.

Sendo assim, houve a construção do *sloyd* como uma pedagogia para o ensino profissional e sua difusão. Na mesma perspectiva, a obra do Corinto da Fonseca representou outro canal de difusão do *sloyd* como uma pedagogia para o ensino profissional brasileiro. As obras desses intelectuais sobre *sloyd*, bem como a divulgação da compreensão pública do que seria este método de trabalho manual, fazem parte do que podemos compreender como processo de importação-exportação de pedagogias, como construção e difusão e suas condições. O caráter operacional deste processo está na circulação transnacional destas pesquisas intelectuais.

É possível compreender que o *sloyd* pedagógico sueco foi incorporado por intelectuais que o adaptaram conforme as necessidades e as possibilidades do meio onde foi aplicado: como matéria, como educação moral, como concepção de educação e metodologia interdisciplinar. O *sloyd* social americano não é mais do que a adaptação em qualquer país do *sloyd* modificado segundo o caráter de cada povo, respeitando-se, em linhas gerais, a sua feição filosófica.

Aprígio Gonzaga e Corinto da Fonseca possuíam concepções díspares sobre *sloyd*. É possível concluir que o Gonzaga o concebeu enquanto concepção de educação e o Fonseca enquanto método. Enquanto concepção porque almejou revestir um conceito com uma percepção privada e pessoal. Enquanto método porque almejou um conjunto de práticas bem ordenadas e reunidas em uma metodologia específica.

O trabalho intelectual do Gonzaga não foi vítima do intelectualismo, cuja característica é a aberração verbalista. O trabalho intelectual do Fonseca é prático desde a sua concepção;

demonstrou a possibilidade dos trabalhos manuais deixarem de ser matéria escolar, a ser enxertada no currículo, para tornar-se metodologia de ensino, a ser implementada em todas as demais matérias.

Ambas as obras foram publicadas em um período de plena discussão dos princípios da Escola Nova. No Brasil, especificamente, discutia-se o ensino de trabalhos manuais no curso primário e a possibilidade de inserção no curso secundário. Houve um descompasso na compreensão do que exatamente seria o *sloyd* para o Aprígio Gonzaga, para o Corinto da Fonseca e para os redatores dos jornais utilizados nesta análise. A imprensa, em sua maioria não especializada, estava comprometida mais com o anúncio sobre o que estava acontecendo no meio educacional do país, do que com um pronunciamento claro e objetivo dos fatos. Não houve cuidado com as definições do método em debate; método este já avesso o suficiente à semântica do mundo lusófono.

Assim, a construção do movimento de importação-exportação desta pedagogia não só foi capaz de suscitar a curiosidade daqueles que se preocupavam com a educação em geral e com a formação para o trabalho especificamente. Porém, esta curiosidade serviu não apenas para que o *sloyd* fosse implantado de maneira distorcida, deturpada, compartimentalizada ou mesmo deformada daquela forma mais bem elaborada nas obras do Aprígio Gonzaga e Corinto da Fonseca mas para a incompreensão generalizada deste método de trabalho manual para a educação profissional. Esta incompreensão está nítida nos discursos apresentados até então. Eles revelam um verdadeiro embate entre concepções, em sua maioria deturpadas, provenientes de sujeitos desespecializados no campo educacional e mais ainda no campo dos trabalhos manuais.

Agradecimentos

À Capes e ao CNPq.

Referências

ASSIS, Sandra Maria de; MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. Viagens pedagógicas e circulação de ideias sobre modelos educacionais para o ensino técnico no Brasil (1909 a 1946). **Revista Vértices**, Campos dos Goytacazes, v. 24, n. 2, 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/6257/625772431003/html/>. Acesso em: 08 jul. 2023.

ASSUNÇÃO, Adriano Lima. **Aprígio de Almeida Gonzaga: um seletista normalista fazendo história no ensino profissional (1911-1934)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2016.

ASSUNÇÃO, Martha Aparecida Todeschini de. Aprígio Gonzaga e o Sloyd paulista: um projeto de ensino para a formação do trabalhador paulista. In: IX CBHE: História da Educação Global, Nacional e Regional. **Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de**

História da Educação: Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. p. 3268-3285.
Disponível em:
<https://sbhe.org.br/uploads/proceeding/215/42bd8ce52f4d6091998611f65bb2ce1b.pdf>.
Acesso em: 01 dez. 2024.

BRASIL, Eric; NASCIMENTO, Leonardo F. História Digital: Reflexões a partir da Hemeroteca Digital Brasileira e do Uso de CAQDAS na Reelaboração da Pesquisa Histórica. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 196-219, jan./abr., 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/XNJJWhFFzPKdkhF6cyj5BJv/>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BRITTO, Victor de. O problema da instrução. **A Federação**, Porto Alegre, 26 jul. 1911. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/388653/24306>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BUYSE, Omer. **Manual de Trabalhos Manuais**. 2. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1927.

FALCÃO, Rafael Duarte. **A construção de uma pedagogia: o Sloyd na educação profissional brasileira (1910-1929)**. 2024. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: https://portal.ifrn.edu.br/documents/18405/RAFAEL_DUARTE_FALC%C3%83O.pdf. Acesso em: 25 jan. 2025.

FONSECA, Corinto da. **A escola ativa e os trabalhos manuais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

FUCHS, Eckhardt. Redes e a história da educação. **Paedagogica Historica**, v. 43, n. 2, p. 185-197, 2007.

GONZAGA, Aprígio de Almeida. **O Slöjd**. São Paulo: Tipografia Brasil de Rothschild & Comp., 1916.

HOUSSAYE, Jean. Importação e exportação de pedagogias. In: VIDAL, Diana; LOMBARDI, José Claudinei (org.). **Viagens pedagógicas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007. p. 303-316.

JORNAL DO COMMERCIO. Rio de Janeiro, 28 set. 1904. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/364568_09/8775?pesq=%22sloyd%22. Acesso em: 18 out. 2023.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Corinto da Fonseca e os Trabalhos Manuais. In: FONSECA, Corinto da. **A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais**. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1929. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/159281>. Acesso em: 08 jul. 2023.

MARQUES, Sandra Machado Lunardi. O “Slöjd Paulista” e a formação de “operários completos” (1911–1934). **Edusk – Revista Monográfica de Educación Skepsis**, n. 2 – Formación Profesional. São Paulo, 2011, p. 1629-1680. Disponível em: <http://editorialskepsis.org/pdf/2011/1629-1680.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MARQUES, Sandra Machado Lunardi. **Escola Profissional Masculina da Capital (São Paulo):** um estudo sobre o “sloyd” educacional (1911 – 1934). 2003. Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

PEREIRA, José Aparecido. **O fazer e o aprender:** uma interação singular na produção de mobiliário artístico da Escola de Artes e Ofícios (1911-1950). 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2007.

RÜSEN, Jörn. **Teoria da história:** uma teoria da aprendizagem histórica. Trad. de Giseli Vasconcelos. Curitiba: Editora Unicentro, 2015.

SANTOS, Cristiane Gonçalves dos. **Os trabalhos manuais no Anuário do Ensino de São Paulo e na Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Paulista (1902-1920).** 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

SOUSA, Adriano Amaro de. O processo de industrialização em São Paulo e o seu desdobramento no oeste paulista: o caso das indústrias de Marília/SP e de Presidente Prudente/SP. **Encontro de Iniciação Científica**, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1421>. Acesso em: 13 jun. 2023.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. p. 241-263.

TIZZOT FILHO, João Carlos. **A Argentina como referência de instrução pública:** visões da elite normalista de São Paulo (1890-1920). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

SOBRE O/A(S) AUTOR/A(S)

Rafael Duarte Falcão

Mestre em Educação pelo IFRN. Doutorando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Membro da Rede #histed.

Contribuição de autoria: autor – conceituação, pesquisa e redação do manuscrito original.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0510250352314238>

Olívia Morais de Medeiros Neta

Doutora em Educação pela UFRN. Docente no Centro de Educação da UFRN. Líder do grupo Rede #histed. Bolsista do CNPq: PQC.

Contribuição de autoria: autor – conceituação, supervisão, revisão e edição.

Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7542482401254815>

Como referenciar

FALCÃO, Rafael Duarte; MEDEIROS NETA, Olívia Morais. O movimento de importação-exportação do sloyd como uma pedagogia para o ensino profissional no Brasil. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 21, n. 52, e17374, 2025. DOI: 10.22481/praxisedu.v21i52.17374